

EUA e Reino Unido impõem sanções ao petróleo russo

Guerra na Ucrânia Medida deve pressionar mais os preços de combustíveis

Em nova sanção, Biden proíbe importação de petróleo russo

GUERRA NA
UCRÂNIA

Andrew Restuccia e Josh Mitchell
Dow Jones Newswires

O presidente dos EUA, Joe Biden, proibiu a importação de petróleo e outras fontes de energia da Rússia, para punir o país pela invasão da Ucrânia, o que elevou os preços da gasolina nos EUA a níveis recordes e pôs mais pressão sobre a recuperação econômica.

A proibição deve elevar ainda mais os preços da gasolina nos EUA e apertar a renda disponível das famílias americanas, que já sofrem com a maior inflação em quatro décadas. Economistas estimam que o governo divulgará amanhã uma taxa anual de inflação de quase 8% em fevereiro, uma aceleração em relação ao mês anterior, que foi menos afetado pela alta recente dos preços da energia.

O decreto assinado ontem por Biden proíbe de imediato novas remessas russas de petróleo, de alguns produtos derivados, gás natural liquefeito e carvão. Os EUA darão às empresas 45 dias para acabar com os contratos existentes de fornecimento de energia russa.

Além disso, o decreto proíbe novos investimentos dos EUA no setor de energia da Rússia e que americanos financiem empresas estrangeiras que investem no setor.

Biden sugeriu que é provável que a proibição eleve ainda mais os preços da gasolina, mas disse que ela é uma parte importante de sua campanha para pressionar o presidente russo, Vladimir Putin, a encerrar a sua campanha militar cada vez mais intensa na Ucrânia.

A Rússia está entre os maiores produtores de energia do mundo, e a medida — que se soma a uma série de outras sanções dos EUA e de países ocidentais — tem o objetivo de paralisar a economia do país.

Este é um passo que damos para infligir mais sofrimento a Putin", disse Biden na Casa Branca. "Mas também haverá custos aqui nos Estados Unidos."

A grande maioria dos americanos, 79%, disse ser a favor da proibição das importações de petróleo russo, mesmo que isso signifique alta dos preços da energia nos EUA, enquanto 13% afirmaram ser



O presidente dos EUA, Joe Biden, faz o anúncio ontem na Casa Branca

contra, segundo uma nova pesquisa do "The Wall Street Journal".

Inicialmente, o governo Biden hesitava em proibir as importações de petróleo russo, e privadamente alguns assessores e aliados temiam que os aumentos no preço da gasolina por causa do veto se tornassem um risco político.

Normalmente, os EUA dependem da Rússia para cobrir apenas uma pequena parte de suas fontes de energia, e as empresas americanas já tinham reduzido as importações do país de forma drástica nos últimos dias. Mas a perspectiva de uma oferta mundial mais apertada elevou mais os preços do petróleo e ampliou uma alta que durava um mês, causada pela crise geopolítica e pelo fortalecimento da demanda, à medida que os países se recuperam da pandemia. O petróleo tipo Brent, que é referência mundial, subiu para quase US\$ 133 por barril ontem, fechando em cerca de US\$ 128 no fim do dia.

A alta do petróleo já afeta o bolso dos consumidores, principalmente nos postos de gasolina. O preço médio de um galão de gasolina comum subiu 55 centavos de dólar ao longo da semana passada e chegou a US\$ 4,17 ontem, um recorde nominal, embora não quando acumularam economias durante a pandemia, os casos de covid-19 diminuíram de forma acentuada desde janeiro, as empresas têm

contratado agressivamente e as famílias retomaram as viagens e atividades de lazer que tinham adiado fazia tempo.

Ainda assim, economistas apontam que em décadas os custos maiores da energia provocarão sofrimento, principalmente para as famílias e os trabalhadores mais pobres, que têm pouco acesso ao transporte público e precisam dirigir para chegar ao trabalho.

Congressistas e grupos de defesa do consumidor em muitos Estados, como Nova York, Califórnia, Ohio, Illinois e Rhode Island, propuseram a suspensão de alguns ou de todos os impostos sobre a gasolina ou o adiantamento dos aumentos já planejados.

Os gastos do consumidor respondem por aproximadamente 68% da atividade da economia americana. As famílias podem reduzir as compras, viagens e outros gastos eletivos em decorrência disso, disseram economistas. Swank acha que o PIB americano crescerá a uma taxa anual de apenas 1% no segundo semestre de 2022, o que representa uma queda acentuada, puxada pela alta do petróleo.

O PIB americano cresceu 5,6% no último trimestre de 2022, na comparação com o mesmo período do ano anterior, o que marca o crescimento mais forte num ano fiscal desde 1984.

Analistas de petróleo disseram que as sanções anteriormente impostas à Rússia já desestimularam os bancos e as empresas petrolíferas de comprar o petróleo do país, e que o acentuado aumento dos preços do petróleo dos últimos dias é um sinal de que o mercado prevê novos episódios de desestabilização. A Exxon Mobil, a BP e a Shell anunciaram planos de deixar as suas operações na Rússia na semana passada. A Shell foi além ontem, ao dizer que suspenderá todas as compras no mercado à vista de petróleo do país e diminuirá gradualmente seus outros negócios com petróleo da Rússia.

Embora os EUA sejam o maior produtor de petróleo do mundo, o país importa milhões de barris diários de outras partes do mundo. Cerca de 88% do volume de petróleo e produtos refinados importados pelos EUA, ou cerca de 672 mil barris/dia, vieram da Rússia no ano passado, segundo dados da AIE.

Em Nova York, um dia depois do Nasdaq entrar em "bear market" e o Dow Jones entrar em correção — níveis técnicos que indicam tendência de queda, definidos por quedas de 20% e 10% dos picos, respectivamente — os índices americanos voltaram a cair ontem.

O Dow Jones fechou em queda de 0,56%, a 32.632,64 pontos, enquanto o S&P 500 caiu 0,72%, a 4.170,70 pontos, e o Nasdaq re-

fechou em alta de 3,87%, a US\$ 127,98 por barril na ICE, em Londres, enquanto o do petróleo WTI americano para abril subiu 3,60%, a US\$ 123,70 por barril, na Bolsa de Mercadorias de Nova York.

"Estamos céticos de que o petróleo russo possa ser vendido com facilidade em outros mercados, pois as sanções contra o sistema financeiro russo estão tornando muito difíceis as transações com o país e porque o transporte de petróleo é bastante caro", disse Caroline Bain, economista-chefe de commodities da Capital Economics, em mesa redonda online. "O pe-

tróleo russo provavelmente será negociado com desconto."

O agravamento das incertezas geopolíticas eleva a volatilidade dos mercados financeiros.

Em Nova York, um dia depois do Nasdaq entrar em "bear market" e o Dow Jones entrar em correção — níveis técnicos que indicam tendência de queda, definidos por quedas de 20% e 10% dos picos, respectivamente — os índices americanos voltaram a cair ontem.

O Dow Jones fechou em queda de 0,56%, a 32.632,64 pontos, enquanto o S&P 500 caiu 0,72%, a 4.170,70 pontos, e o Nasdaq re-

fechou em alta de 3,87%, a US\$ 127,98 por barril na ICE, em Londres, enquanto o do petróleo WTI americano para abril subiu 3,60%, a US\$ 123,70 por barril, na Bolsa de Mercadorias de Nova York.

"Estamos céticos de que o petróleo russo possa ser vendido com facilidade em outros mercados, pois as sanções contra o sistema financeiro russo estão tornando muito difíceis as transações com o país e porque o transporte de petróleo é bastante caro", disse Caroline Bain, economista-chefe de commodities da Capital Economics, em mesa redonda online. "O pe-

tróleo russo provavelmente será negociado com desconto."

O agravamento das incertezas geopolíticas eleva a volatilidade dos mercados financeiros.

Em Nova York, um dia depois do Nasdaq entrar em "bear market" e o Dow Jones entrar em correção — níveis técnicos que indicam tendência de queda, definidos por quedas de 20% e 10% dos picos, respectivamente — os índices americanos voltaram a cair ontem.

O Dow Jones fechou em queda de 0,56%, a 32.632,64 pontos, enquanto o S&P 500 caiu 0,72%, a 4.170,70 pontos, e o Nasdaq re-

fechou em alta de 3,87%, a US\$ 127,98 por barril na ICE, em Londres, enquanto o do petróleo WTI americano para abril subiu 3,60%, a US\$ 123,70 por barril, na Bolsa de Mercadorias de Nova York.

"Estamos céticos de que o petróleo russo possa ser vendido com facilidade em outros mercados, pois as sanções contra o sistema financeiro russo estão tornando muito difíceis as transações com o país e porque o transporte de petróleo é bastante caro", disse Caroline Bain, economista-chefe de commodities da Capital Economics, em mesa redonda online. "O pe-

tróleo russo provavelmente será negociado com desconto."

O agravamento das incertezas geopolíticas eleva a volatilidade dos mercados financeiros.

Em Nova York, um dia depois do Nasdaq entrar em "bear market" e o Dow Jones entrar em correção — níveis técnicos que indicam tendência de queda, definidos por quedas de 20% e 10% dos picos, respectivamente — os índices americanos voltaram a cair ontem.

O Dow Jones fechou em queda de 0,56%, a 32.632,64 pontos, enquanto o S&P 500 caiu 0,72%, a 4.170,70 pontos, e o Nasdaq re-

UE confirma plano para cortar 2/3 do gás russo até 'bem antes' de 2030

Raf Casert
Associated Press, de Bruxelas

A União Europeia (UE) tentará eliminar completamente sua dependência da energia russa "bem antes de 2030" para garantir que as 27 nações do bloco não enfrentem mais decisões difíceis que possam prejudicar suas próprias economias em crises geopolíticas como a invasão da Ucrânia.

Os líderes da UE se reuniram em Versailes, nos arredores de Paris, para uma reunião de cúpula de dois dias a partir desta quinta-feira e trabalharão em meios para "eliminar gradualmente nossa dependência das importações de petróleo, gás e carvão da Rússia", diz o esboço de uma declaração da cúpula a que a AP teve acesso.

A Comissão Europeia anunciou ontem propostas para que isso aconteça, incluindo a diversificação do fornecimento de gás natural e a aceleração do desenvolvimento de energias renováveis. O braço executivo da UE disse que suas medidas "poderão reduzir a demanda da UE por gás russo em dois terços antes do fim do ano".

"Precisamos nos tornar independentes do petróleo, carvão e gás russo", disse a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, em um comunicado.

"Precisamos nos tornar independentes do petróleo, carvão e gás russo", disse a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, em um comunicado.

Por mais de uma década a UE sentiu-se cada vez mais presa no trato com suas relações deterioradas com o presidente russo Vladimir Putin, mas a perspectiva de detar dezenas de milhões de pessoas passando frio no inverno por causa da escassez de combustíveis fósseis ou preços altos demais litam a indústria e a Rússia fornece quase 40% do gás para a UE, além de um quarto do petróleo.

Após a invasão a UE se uniu para preparar rapidamente uma política energética mais robusta. Mas ela ainda não assinou uma sanção à energia russa, mesmo depois de EUA e Reino Unido anunciarem proibições de importações de petróleo da Rússia.

Já comprometida com o desenvolvimento acelerado de energias renováveis por causa das mudanças climáticas, a UE acelerará o processo para agora reforçar sua independência política. A UE precisa "lançar-se nas energias renováveis com a velocidade da luz", disse Frans Timmermans, vice-presidente executivo da CE encarregado de seus esforços para reduzir as emissões dos gases responsáveis pelo aquecimento global.

Um parceiro muito importante será a Alemanha, que está entre as muitas nações da UE expostas ao poder russo sobre o fornecimento de energia. "Sabemos, e precisamos admitir, que nos encaminhamos para uma dependência cada vez maior das importações de energia fóssil da Rússia nos últimos 20 anos", disse Robert Habeck, ministro da Economia da Alemanha. "Todos os esforços do governo alemão, do país, estão voltados para reduzir essa dependência o mais rapidamente possível e então usar o espaço de manobra na política energética que ganharmos, inclusive em termos de política de segurança."

Os preços da energia estão altos há meses por causa da baixa oferta, o que está aumentando os custos de tudo que vai de contas de luz aos alimentos, na medida em que as empresas repassam seus custos para os consumidores e clientes.

Além de fortalecer a produção de energias renováveis, a Comissão Europeia disse que a Europa poderá diversificar seu fornecimento de energia adquirindo mais gás natural liquefeito (GNL) transportado por navios, em vez de gasodutos da Rússia, e conseguindo mais importações via gasodutos de terceiros, como o Noruega e o Azerbaijão.

A Comissão Europeia também disse que buscará uma legislação para exigir que as reservas subterrâneas de gás sejam preenchidas em pelo menos 90% até o começo do inverno. A execução de grande parte do plano da UE cabe aos governos nacionais, com diferentes combinações de energias e níveis de vulnerabilidade a um embargo ou corte no fornecimento de gás. Alemanha, Itália e vários Estados membros da UE no leste europeu são membros mais dependentes.

O sistema de gasodutos da Europa não está configurado para que as remessas de GNL possam chegar facilmente a todos os cantos do continente. Embora as remessas de gás liquefeito tenham aumentado, analistas do setor de energia afirmam que um corte total do gás russo somente poderia ser superado por uma redução forçada no uso de gás, principalmente pelos usuários industriais.

Petróleo sobe e ações caem com nova sanção

André Mizutani, Arthur Cagliari e Olivia Bulla
de São Paulo

Os preços do petróleo continuaram a subir ontem, depois que os EUA anunciaram a proibição das importações da Rússia. Isso levou também os índices acionários de Wall Street a estender as perdas.

Para o Goldman Sachs, apesar do impacto nos preços, a sanção dos EUA ao petróleo russo tem um "efeito mínimo" nos mercados globais de combustível.

O contrato do petróleo tipo Brent, referência global, para maio

fechou em alta de 3,87%, a US\$ 127,98 por barril na ICE, em Londres, enquanto o do petróleo WTI americano para abril subiu 3,60%, a US\$ 123,70 por barril, na Bolsa de Mercadorias de Nova York.

"Estamos céticos de que o petróleo russo possa ser vendido com facilidade em outros mercados, pois as sanções contra o sistema financeiro russo estão tornando muito difíceis as transações com o país e porque o transporte de petróleo é bastante caro", disse Caroline Bain, economista-chefe de commodities da Capital Economics, em mesa redonda online. "O pe-

tróleo russo provavelmente será negociado com desconto."

O agravamento das incertezas geopolíticas eleva a volatilidade dos mercados financeiros.

Em Nova York, um dia depois do Nasdaq entrar em "bear market" e o Dow Jones entrar em correção — níveis técnicos que indicam tendência de queda, definidos por quedas de 20% e 10% dos picos, respectivamente — os índices americanos voltaram a cair ontem.

O Dow Jones fechou em queda de 0,56%, a 32.632,64 pontos, enquanto o S&P 500 caiu 0,72%, a 4.170,70 pontos, e o Nasdaq re-

fechou em alta de 3,87%, a US\$ 127,98 por barril na ICE, em Londres, enquanto o do petróleo WTI americano para abril subiu 3,60%, a US\$ 123,70 por barril, na Bolsa de Mercadorias de Nova York.

"Estamos céticos de que o petróleo russo possa ser vendido com facilidade em outros mercados, pois as sanções contra o sistema financeiro russo estão tornando muito difíceis as transações com o país e porque o transporte de petróleo é bastante caro", disse Caroline Bain, economista-chefe de commodities da Capital Economics, em mesa redonda online. "O pe-

tróleo russo provavelmente será negociado com desconto."

O agravamento das incertezas geopolíticas eleva a volatilidade dos mercados financeiros.

Em Nova York, um dia depois do Nasdaq entrar em "bear market" e o Dow Jones entrar em correção — níveis técnicos que indicam tendência de queda, definidos por quedas de 20% e 10% dos picos, respectivamente — os índices americanos voltaram a cair ontem.

fechou em alta de 3,87%, a US\$ 127,98 por barril na ICE, em Londres, enquanto o do petróleo WTI americano para abril subiu 3,60%, a US\$ 123,70 por barril, na Bolsa de Mercadorias de Nova York.

"Estamos céticos de que o petróleo russo possa ser vendido com facilidade em outros mercados, pois as sanções contra o sistema financeiro russo estão tornando muito difíceis as transações com o país e porque o transporte de petróleo é bastante caro", disse Caroline Bain, economista-chefe de commodities da Capital Economics, em mesa redonda online. "O pe-

tróleo russo provavelmente será negociado com desconto."

O agravamento das incertezas geopolíticas eleva a volatilidade dos mercados financeiros.

Em Nova York, um dia depois do Nasdaq entrar em "bear market" e o Dow Jones entrar em correção — níveis técnicos que indicam tendência de queda, definidos por quedas de 20% e 10% dos picos, respectivamente — os índices americanos voltaram a cair ontem.

Produção americana de petróleo deve bater recorde

Bloomberg

A produção de petróleo nos EUA deverá continuar subindo à medida que o aumento dos preços do petróleo, após o ataque da Rússia à Ucrânia, levou os produtores a perfurar ainda mais.

A previsão da produção deste ano subiu para 12 milhões de barris/dia, ante uma projeção anterior de 11,97 milhões, disse o Energy Information Administration (EIA) em seu relatório mensal.

A produção de petróleo será

em média 13 milhões de barris por dia em 2023, um aumento em relação à sua estimativa anterior de 12,6 milhões, de acordo com a EIA. O atual recorde anual, de 12,3 milhões de barris/dia, foi estabelecido em 2019.

Apesar do aumento previsto na produção interna, o governo dos EUA vem tentando converter países exportadores de petróleo a aumentarem sua produção, devido a atual crise com a Rússia. Washington fez ainda esforços de voltar a comprar da Venezuela.

Governo russo limita saques em moeda estrangeira

Agências internacionais

Após anunciar a proibição de saída de divisas do país e pressionada pela desvalorização do rublo, a moeda local, o governo russo anunciou ontem que a população só poderá retirar o equivalente a US\$ 10 mil de contas correntes e poupanças em moeda estrangeira até 9 de setembro. A medida passou a vigorar a partir de hoje.

A partir do valor limitado pelo Banco Central da Rússia, os saques só poderão ser feitos em rublos, pela taxa de câmbio do dia.

O pacote do BC russo também proíbe, até setembro, as instituições financeiras de venderem moedas estrangeiras a cidadãos da Rússia — as operações de compra de divisas não russas seguem

liberadas. A medida se estende a viajantes e a gastos com cartões de crédito Visa e Mastercard.

As sanções dos EUA e da União Europeia após a invasão da Rússia à Ucrânia derrubou a cotação da moeda local de 85 rublos por €1 para 165 por €1.

As sanções também limitaram em uso do sistema de trocas de divisas Swift para as principais entidades do país. E as autoridades ocidentais, incluindo a Suíça, congelaram o fundo equivalente a US\$ 640 bilhões em moedas estrangeiras que o Kremlin tinha em suas reservas.

O BC afirmou que as restrições afetaram pouca população porque, segundo ele, 90% dos depósitos e contas em moeda estrangeira não ultrapassam os US\$ 10 mil.

Putin barra venda de commodities, mas não diz quais nem a quem



Em resposta ao endurecimento das sanções contra a Rússia, o presidente Vladimir Putin (foto) emitiu ontem uma ordem para proibir ou restringir o comércio de alguns bens e matérias-primas com alguns países. Mas o Kremlin não deu detalhes sobre quais produtos e quais países seriam afetados. Segundo Moscou, esses detalhes serão definidos pelo Gabinete em dois dias, quando as restrições começarem a valer. A Rússia é um grande exportador de petróleo, gás, grãos e metais. Os preços das commodities subiram desde a invasão da Ucrânia, ante a perspectiva de interrupções no fornecimento, sanções e contramedidas. Os preços do trigo e do painho dispararam após o anúncio do embargo. Até agora, além dos limites à retirada da moeda, o rublo, do país, as sanções retaliatórias da Rússia têm sido vagas, incluindo a criação da lista de "países hostis".

Guerra na Ucrânia Para analistas, russos estão reorganizando recursos

Rússia estaria preparando forças para atacar a Kiev

GUERRA NA UCRAÍNA

Agências internacionais

O ritmo lento do avanço terrestre das tropas russas na Ucrânia, enquanto mantêm várias cidades sob cerco e bombardeio, pode ser resultado de uma reorganização de seus recursos militares para uma ofensiva contra a capital ucraniana, Kiev.

Alguns analistas militares e autoridades ocidentais ouviram o que "Financial Times" consideram que os militares russos podem estar se rebaseando de suprimentos, tentando resolver problemas logísticos e consolidando suas posições em torno de Kiev antes de lançar uma ofensiva coordenada contra a capital.

Estas análises coincidem com as avaliações do Institute for the Study of War (ISW), um centro de estudos militares dos EUA, segundo as quais Moscou pode ter capaci-

dade militar de lançar uma ataque à capital ucraniana entre 72 e 96 horas. "Os russos estão trazendo suprimentos e reforços, bem como realizando ataques de artilharia, ar e mísseis para enfraquecer as defesas e intimidar os defensores antes de um ataque", diz um boletim publicado no site da entidade.

"Se as tropas russas foram capazes de reabastecer, reorganizar e planejar operações simultâneas deliberadas e coordenadas ao redor de Kiev e outras cidades, elas podem ter mais sucesso

nessa operação do que em empreendimentos anteriores", completa o boletim do ISW. As forças russas têm acesso terrestre total, desde seu próprio território, até as proximidades da capital ucraniana — onde controlam também dois aeroportos.

Autoridades da Ucrânia, no entanto, atribuem o pouco significativo avanço da infantaria russa à resistência ucraniana. Portavozes militares do país disseram ontem em um comunicado de campo da invasão russa, o general Vitaly Gerashimov, veterano da guerra da Chechênia e um dos chefes da operação que tomou a Crimeia da Ucrânia em 2014.

Mesmo sem avançar, militares russos mantinham ontem várias cidades ucranianas sob cerco. No entanto, segundo relatos, tréguas locais permitiriam a retirada de civis de algumas destas cidades.

Manipol, no sudeste, uma das cidades mais atingidas pelos bombardeios, foi um dos locais de onde civis foram retirados por corredores humanitários precários. Há quase uma semana, Manipol está sem água, eletricidade, alimentos e medicamentos, segundo a ONU. Moscou anunciou que estabeleceu corredores humanitários para a retirada de civis também de Kharkiv, Kiev e Sumy. Cerca de 200.000 moradores estão tentando fugir por essas rotas, de acordo com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV). Autoridades ucranianas disseram, porém, que alguns comboios de evacuação foram atacados por projéteis russos, incluindo em Sumy.



Refugiados partem de Lviv na direção da fronteira da Polónia e da Hungria

Número de refugiados da Ucrânia passa de 2 milhões

Assis Moreira De Genebra

Mais de 2 milhões de refugiados da Ucrânia já atravessaram para os países vizinhos em 12 dias — a mais acelerada crise do tipo na Europa desde a 2ª Guerra, informaram ontem agências das Nações Unidas, em Genebra. Cerca de 1,2 milhão se refugiaram na Polónia. A situação é apocalíptica e atroz para as pessoas e tem piorado, alertou o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV). As condições estão cada vez mais terríveis de falta de alimentos, água limpa e suprimentos médicos necessários. Em 12 dias de escalada de violência, medo e dor, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos relatou pelo menos 1.207 vítimas civis, incluindo pelo menos 474 mortos, mas o número real de óbitos poderia ser consideravelmente maior.

A maioria das baixas civis são de ataques aéreos e armas explosivas usadas pelas forças russas com efeitos amplos, incluindo artilharia pesada e sistemas de foguete de lançamento múltiplo. Como resultado, centenas de prédios residenciais foram atingidos. A Organização Internacional de Migrações (OIM) anunciou parceria com a Airbnb.org para ajudar as pessoas que fogem da Ucrânia a obter alojamento de curto prazo gratuitas na Polónia, Romênia, Moldávia, Hungria e Eslováquia. Segundo a OIM, na semana passada a Airbnb ofereceu hospedagem temporária gratuita para até 100 mil pessoas e mais de 26 mil anfitriões em todo o mundo se inscreveram para oferecer suas casas, de graça ou com desconto. Por sua vez, a ONU denunciou que na Rússia cerca de 12 mil pessoas foram arbitrariamente presas por protestos contra a guerra.

Invasão russa

Ucrânia diz que tem avanço terrestre da Rússia



Economia global Alguns analistas temem ainda que a Europa não consiga escapar de uma nova recessão

Novo choque de gás e petróleo eleva o risco de estagnação

GUERRA NA UCRAÍNA

Chris Giles Financial Times, Londres

O aumento do preço de petróleo e de gás desencadeado pelo conflito na Ucrânia e por incertezas da Opec para o próximo ano, somado a uma série de economias importantes sob o mais grave choque de estagnação desde a década de 1970. O preço do petróleo voltou a subir ontem após os EUA anunciarem uma possível redução de produção da Rússia, que é o segundo maior produtor mundial. Ainda ontem, autoridades da União Europeia divulgaram planos para reduzir a dependência do gás em relação ao petróleo ao longo.

recurso energético em direção alta — e os preços dos dois choques do petróleo da década de 1970, quando os preços dispararam após os países árabes adotar um embargo ao petróleo, em 1973, contra países que tinham apoiado Israel na Guerra do Yom Kippur e, em 1979, após a revolução iraniana. O problema para os governos ocidentais não são a possibilidade de um aumento dos preços dos produtos energéticos estar apoiado por um crescimento mais lento da demanda. O desenvolvimento de fontes alternativas de energia, como a energia eólica, solar e hidrelétrica, não são suficientes para suprir a demanda global. O desenvolvimento de fontes alternativas de energia, como a energia eólica, solar e hidrelétrica, não são suficientes para suprir a demanda global. O desenvolvimento de fontes alternativas de energia, como a energia eólica, solar e hidrelétrica, não são suficientes para suprir a demanda global.

Preço do petróleo perto de recorde histórico



Os países da União Europeia (UE) importam da Rússia 40% do gás que consomem, enquanto Moscou fornece também, já há vários anos, cerca de 30% do petróleo consumido no mundo. Alguns economistas disseram que caso os produtores energéticos prolongadamente elevados para exportar e famílias consumidoras tentem levar a economia europeia a recessão. Roger Harrison, chefe de economia do Reino Unido George Osborne, disse que os produtores energéticos "substituíram a energia por uma 'energia' de restrição rapidamente impopular: racionamento de produtos energéticos e risco de causar um novo choque de energia". O choque do petróleo da década de 1970 desencadeou inflação e recessão violentas em muitas economias avançadas, principalmente porque o aumento do preço do petróleo reduziu a renda real dos países importadores para os produtores de energia. De vez em quando, economistas previram que Europa, Japão e países emergentes, importadores de petróleo, sofreriam um novo choque de energia. O preço do petróleo aumentou em um ano após o outro, em 2008, em meio a uma recessão global. Os consumidores americanos disseram que a guerra, reabre-

UE vai emitir dívida conjunta para financiar energia e defesa

Assis Moreira De Genebra

Um relatório dos Estados Unidos sublinhou com a perspectiva de aumento da dívida da UE, que ampliou os gastos em relação ao PIB, segundo o FMI, para US\$ 1,2 trilhão. A medida extracurricular aprova um aumento de 1% para o PIB líquido em 2023, o que equivale a US\$ 2,1 trilhões sustentado por uma combinação de empréstimos internacionais da UE e de países integrantes do bloco a serem emitidos em conjunto. A autoridade ainda está trabalhando no detalhe sobre o financiamento da dívida de longo prazo e se trata de uma diferença entre o rendimento dos títulos públicos de 10 anos da Itália e Alemanha — importante medida de risco na região — estimada em 0,10 ponto percentual para 1,51 ponto percentual após a medida.

Guerra já reduz fluxo de comércio internacional

Assis Moreira De Genebra

Os ajustes sazonais em comparação com o mês anterior, a queda de 1,2% na medida de comércio internacional, segundo o levantamento do Instituto de Comércio Mundial de Kiel na Alemanha. Sua contratação é de 1,3% em março, com o crescimento de 1,5% em abril e 1,6% em maio. O comércio internacional de mercadorias sofreu uma queda de 1,3% em março, com o crescimento de 1,5% em abril e 1,6% em maio. O comércio internacional de mercadorias sofreu uma queda de 1,3% em março, com o crescimento de 1,5% em abril e 1,6% em maio.

Os ajustes sazonais em comparação com o mês anterior, a queda de 1,2% na medida de comércio internacional, segundo o levantamento do Instituto de Comércio Mundial de Kiel na Alemanha. Sua contratação é de 1,3% em março, com o crescimento de 1,5% em abril e 1,6% em maio. O comércio internacional de mercadorias sofreu uma queda de 1,3% em março, com o crescimento de 1,5% em abril e 1,6% em maio. O comércio internacional de mercadorias sofreu uma queda de 1,3% em março, com o crescimento de 1,5% em abril e 1,6% em maio.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Internacional **Caderno:** A **Página:** 13 a 15